

O ECHO DO RIO,

Jornal Político e Litterario.

PARCITE VERBIS.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4\$000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

AVISO ESSENCIAL.

As pessoas que quizerem a continuação desta folha, tenham a bondade de o declararem aos entregadores, ou de mandarem participações á loja desta typographia, Praça da Constituição n. 64, sem o que lhes será suspendida a entrega, infalivelmente.

Subscreve-se nesta mesma loja, a 4\$000 rs. por semestre.

O ECHO DO RIO.

Uma das questões, que mais pôde interessar a um país depois de examinado o seu estado, é conhecer a quem deve sua posição, para poder dar agradecimento ou votar a execração os autores de seus bens ou males.

Fazendo applicação a esta querida patria, conhecemos, que se não estamos em tão pessimio estado, que absolutamente devamos desesperar do futuro, todavia tambem não navegamos em mar de roas. Nosso estado material offerece nem-nuns, ou quasi nem-uns melhoramentos diversos d'aquelles, que espontaneamente nos dá a natureza: nossa navegação por vapor é ainda demasiadamente pequena; nossas estradas estão ainda mui longe de servir, para o que servem estradas: nossas cidades carecem dos edificios publicos mais necessarios para commodidade dos habitantes, e quanto a embellezamento, foi idéia, que ainda a ninguem veio á cabeça: nossas ruas toptas nasceram, tortas vivem, e tortas parece que hão de morrer: nossa cultura reduz-se a algum café e algum assucar; mas neste abençoado solo, que tudo produz nem-uma outra cousa é cultivada em grande: nossos campos tão férteis, nossas matas tão gigantescas pedem braços, braços, braços; e os braços não chegam em proporção de nossas necessidades. Pelo que pertence ao administrativo tambem não estamos bem: enorme divida publica pesa sobre nós; esta nos obriga a pesados tributos: não ha segurança, por que a cada momento novas rebelliões vem pôr em duvida nossa existencia, abelar nossas direitas; mesmo individualmente não temos segurança, por que nossos tribunaes criminaes deixam impunes os maiores attentados, punindo apenas algum miseravel, sem se lembrarem das terriveis consequencias, que d'ahi vem ao paiz. Nossa industria é nulla, nosso commercio é todo feito por estrangeiros. Habitantes do paiz mais rico do universo, temos uma moeda papel que nos affige, não

temos capitães correspondentes á nossa lavoura e á nossas permittações. Este estado não é desesperador, mas certamente tambem não é animador: E a quem o devemos, e a quem devemos que não seja peor?

Para resolver este facil problema, basta a simples recordação dos factos do tempo, em que temos vivido politicamente: basta que nos recordemos dos factos, d'onde tem provindo nossos incommodos, e que nos recordemos de quem são os seus autores.

Ha um meio galante de raciocinar, para fazer cabir em outros a culpa que é propria. Falla-se por exemplo de divida publica, e diz-se: quem a causou foi o ministro Pedro, por que pediu tantos milhões; foi o ministro Paulo, por que pediu tantos milhões. Este modo de discorrer é inteiramente inexacto. Os causadores dos males, não são aquelles, em cujo tempo elles apparecem, mas aquelles que lhes deram origem. Se o piloto de um navio o levasse á costas, cujas correntes fossem invenciveis, e n'hi fizesse o mando entregue a outro, e o navio fosse com effeito á praia apesar de todos os esforços do segundo, a quem deveria ser attribuida a perda? ao primeiro, que conduziu ao lugar do perigo, ou ao segundo, em cuja mão foi a perda?

Pois o mesmo raciocinio devemos fazer, tratando dos negocios do Estado: examinemos quizes são os factos causadores de nossos males, e examinemos por cuja culpa aconteceram esses factos. Encapitaremos nós expender os factos, e os autores delles? Não: mui publicos se tem elles passado, mui frescos são ainda. Embora haja quem queira deavairar a opinião publica: o seculo actual é demasiadamente illustrado, para que se acreditem grosseiros embustes: e os acontecimentos cada dia nos estão mostrando, que o povo Brasileiro conhece bem aquelles que lhe tem feito bens, e aquelles que lhe tem feito males. O seculo é todo de positivismo, e por isso não se contenta com declamações: quando lê nas folhas publicas estrados artigos de chocho palavriado, sorri-se com o sorriso do desprezo; espera occasião, em que tenha de emitir o seu juizo, e então declara sua poderosa vontade.

Houve tempo, em que palavras fizeram alguma cousa, houve tempo em que ao grito liberdade todos os animos se electrizavam, e ao grito tyrannia e despotismo todos estremejavam e se arrepiavam de horror. Mas aquelles que mais fallam em liberdade, só a querem em quanto são obrigados a obedecer; os que mais fallam em despotismo e tyrannia, são os maiores despotas e tyrannos,

quando algum bocadinho de poder lhes cahe nas unhas. E amor da patria! oh! a sucia patriotica tem amor á patria, mas nada querendo dar-lhe quer que ella tudo lhe de.

O juizo do povo está feito: e elle o pronuncia sem temor. Sirva isso de lição. E como vemos, o povo decidido pela boa causa, não curamos de lhe recordar factos.

O REVEZ DO QUADRO.

O *Nacional* na forma do seu costume, fez miúdo ao publico de um artigo, em que pinta o Brasil no estado mais calamitoso, para depois ter o desgosto de attribuir nossos males todos ao gabinete actual, ou a aquelles, que o apoiam. Por muitas vezes declamações iguaes tem essa folha, apresentando, sem um só facto, sem uma só razão, que possa dar a entender, quem sejam os autores de nossos males; estes mesmos são por tal modo exagerados, que o painel perde todo o merecimento. É uma enfiada de proposições soltas sem nexo nem forma relativas ao nosso estado politico e financeiro; ambos descriptos nas mais miseraveis circumstancias; e a final uma conclusão: tudo provém do ministerio. Muito teria que fazer aquelle, que quizesse analysar esse artigo ponto por ponto, por que tudo é inexacto; porem ainda mais trabalharia aquella, que quizesse achar as razões por que o contemporaneo attribue ao gabinete todas as nossas desgraças; cremos, que mais facil será achar o movimento perpetuo, ou a quadratura do circulo.

Quem por algum modo quizesse rebater o contemporaneo, bastaria apresentar-lhe o revez do quadro: ali veria elle, que todas as nossas desgraças pertencem ao lado, em que elle se acha. E isto se prova com factos, e não com palavras: tem sido os homens do movimento exagerado, os que nos tem reduzido á crise, em que nos achamos. Viviamos livres de facto, com quanto o não fossemos de direito: nos tempos, que ali chamam de absolutismo, tinhamos tribunes e formulas, que nos garantiam nossa segurança e propriedade: tinhamos um intendente de policia, de cuja arbitrariedade ninguém, que asibamos, se queixa: tinhamos tribunes consultivos, os quizes eram ouvidos todas as vezes, que se tratava de algum negocio mais grave. Na distribuição das graças havia injustiças; mas supponhamos, que só deixardo de haver-las, quando os governos foram de anjos.

Quizemos ser livres de direito, assim como eramos de facto: proclamamos o governo representativo; e logo depois a independencia. Até ali bem iam; mas os exagerados appareceram em campo, e quizeram reduzir o monarcha a boneco de engoncos, que só se movesse á vontade de certos individuos. Primeiro passo no caminho da anarchia: este trouxe a necessidade da reacção; e a reacção trouxe a dissolução da constituinte. Não podemos hoje ajuizar bem, se a resistencia foi igual á acção; não estavamos então no Brasil, e não é ainda tempo de consultar a historia sobre esses acontecimentos: porem é certo, que se houve resistencia, foi por que houve acção; e esta acção foram os exagerados, que a empregaram. Os exagerados, foram os primeiros, que fizeram a primeira scisão, isto é, que se separaram daquelles, que de todo o coração tinham proclamado a independencia; e foram os que causaram a segunda scisão provocando essa dissolução da constituinte.

O grande fundador de nossa liberdade e independencia ainda nos quiz harmonizar, e nos deu a constituição que

hoje nos governa; mas reunidas as camaras, uma opposição systematica e desarrazoada começou por parte dos exagerados. Não dizemos, que todos estavamos de má fé; mas é certo, que todos trabalhavam contra o governo do Sr. D. Pedro I., uns por que não queriam governo monarchico, outros por que não queriam á testa do governo um principe nascido na Europa; uns (e grande parte) por que não partilhavam do poder, outros por que toda a ideia de ordem é odiada por elles; finalmente, cada um por seu pretexto, grande numero embaraçava a acção do governo: poucos de boa fé. Tivamos uma guerra com uma nação estranha: tratavamos de um dos maiores interesses do Brasil, por que tratavamos de saber se nossa fronteira se devia estender até á margem oriental do Prata, ou se devia ficar na lagoa Merim: no primeiro caso obtinhamos uma fronteira natural, e á margem do Prata, e por consequencia o direito de o navegar; e por consequencia ainda o direito de subir por elle até nossas provincias centraes, no segundo caso perdiamos todas estas vantagens, ficavamos com uma fronteira aberta e de convenção, que á cada momento pôde ser invadida, e que necessita de immensas despesas, para se poder fortificar e guarnecer.

Mas a opposição da primeira sessão da legislatura a nada disto olhou: o que tratou foi de guerrear o imperador e seu governo, fazer-lhe toda o mal que pôde, de modo, que a final nos obrigou a uma paz vergonhosa, com prejuizo dos capitães, que tinhamos despendido, e da gente que tinha morrido nos campos da Cisplatina. O governo de D. João VI fez quanto pôde para unir Montevideo ao Brasil; o Sr. D. Pedro I quiz continuar a obra de seu pai: a opposição da primeira legislatura desmanchou tudo.

E agora perguntamos á patriotica sucia do *Nacional*: não sois vós que então fizestes opposição? não vos gloriaes ainda hoje de conservardes intactos os principios de então? não vos gloriaes de serdes continuadores desses homens generosos? Pois bem: assim é; sois vós mesmos; e por consequencia carregaes com a parte, que vos cabe na responsabilidade. Sim, fostes vós mesmos que nos fizestes gastar inutilmente tanto dinheiro, e sacrificar tanta gente, compenhando nossas rendas, dando por assim dizer principio á nossa divida. Mais de cem milhoes nos fizestes gastar, que teriamos ganhado se tivéssemos ficado com Montevideo, mas que perdemos; porque nos obrigastes a uma paz prematura e vergonhosa. E tivestes ainda a impudencia de imputar todas as culpas ao grande principel.

Não satisfeitos, preparastes o sete de abril, de que pretendestes tirar todas as consequencias; isto é, pretendestes destruir a monarchia, e movimentos ali appareceram nesse sentido, e nunca ha de esquecer aquelle, que foi capitaneado pelo proprio ministro da justiça, o finado Feijó.

E antes disso e depois procurastes desmontar o poder, tirando toda a força ao governo, reduzindo tudo á autoridades electivas, estabelecendo um simulacro de processo para os criminosos, e um simulacro de código penal para governo da sociedade. Fostes vós que procuraste fazer das provincias outros tantos estados diferentes, reduzindo o governo do Brasil a viver de quotas, que equivalia a dizer, que não havia mais governo, e querendo que suas attribuições fossem fixadas por proposições affirmativas, para que desse modo ficasse extrema-

mente limitado o seu poder. Fostes vós que tudo desmantelastes, de modo que quando as provincias se commecaram a sublevar não havia meios de acudir-lhes. Fostes vós que mandastes ao Pará um general com cinco soldados, quando vos persuadiam ainda que ali se tratava de uma mudança regular de governo, e só destes alguma attenção a essa provincia, quando vistes que ali só imperava uma porção de salteadores. Fostes vós que nunca quizestes cuidar na pacificação do Rio Grande, mandando para ali, quando rompeu a rebelião, o presidente Araujo Ribeiro, sem lhe dardes um só soldado, e apenas uma barca, que pozestes á sua ordem para se retirar quando quizesse; e quando o presidente Antero foi preso, e que tão delicadas eram as circumstancias da provincia, mandastes ali o presidente Nunes Pires sem um homem, nem uma espingarda. Fostes vós, que fostes causa da prisão do presidente Antero, e que quando vistes que o Sr. Araujo Ribeiro tinha a provincia quasi pacificada, de lá o tirastes. Fostes vós que mandastes Bento Gonsalves para a Bahia a fim de ali organizar a rebelião e que depois consentistes que de lá fosse para o Rio Grande. Fostes vós que eliminastes da receita importantissimos impostos, fazendo assim desaparecer o equilibrio entre ella e a despezas, e tornando hoje por isso precisa a creação de novos tributos sempre odiosos. Fostes vós que vos rebellastes em S. Paulo e Minas. Fostes vós... Mas, para que levaremos mais longe a lista dos crimes da facção? Não: estes bastam para mostrar, que a ella devemos todos os nossos males.

A nós, isto é, a nosso lado, quaesquer que sejam os individuos, que tenham estado no poder, tem-nos cabido a dura tarefa de curar as chagas, que tendes aberto. O homem, a quem seus desregramentos fizeram precisa a applicação de causticos e outros remedios violentos, tem que queixar-se do medico?

Pomos aqui fim por hoje: muito mais poderíamos dizer; apontamos factos: que nos respondam. E qual é mais exacto, o quadro ou o seu revex?

INSULTOS DOS INGLEZES.

E' costume de todas as nações, que se suppoem temidas, abusarem do seu poder. A Hespanha (para não fallarmos dos tempos mais antigos) no tempo de Carlos V e a França no tempo de Luiz XIV, fizeram só por capricho as maiores extravagancias: obrigaram as nações pequenas a passar pelos maiores vexames, e aquella, que por ventura ousava querer levantar a voz, era logo sacrificada ao resentimento do despota. Napoleão foi ainda um triste exemplo desta verdade.

A Inglaterra acha-se ha algum tempo nesse caso: suppondo-se bastante forte, para que ninguém a incommode, orgulhosa pelos serviços que fez á Europa nos primeiros quinze annos do seculo actual, conservando desde então certa influencia em todos os seus gabinetes, e certo prestigio de poder e riqueza, a Inglaterra mais que ninguém tem abusado da prosperidade, a que se viu elevada. A cada momento ou obtem tractados pela violencia, ou quando os não obtem commette toda a especie de violencias para os obter; e os gabinetes das nações pequenas submettem-se, e os das nações poderosas calam-se, e ella vai vivendo sua vida de orgulho.

Portugal pelo dominio dos Filippes, perde toda a actividade, que o tinha feito considerar como uma das primeiras nações da Europa, e que com effeito assim era,

por que Portugal era um, quando a Hespanha, a França, a Allemanha, e as outras regiões da Europa estavam subdivididas em uma multidão de pequenos estados, cada qual mais fraco, e que empregavam em destruir-se mutuamente os poucos recursos, que tinham. Portugal fez em 1640 a sua restauração; mas com quanto a Hespanha de Philippe IV já não fosse a Hespanha de Carlos V, todavia era ainda a nação mais poderosa da Europa. Portugal foi então obrigado a procurar diversos auxilios; e as relações de amizade, que já antes tinha com a Inglaterra, o fez procurar os braços desta.

Desde então começou a Inglaterra a ser gravemente pesada a Portugal; e as guerras da successão obrigaram este a sacrificios, que nunca lhe foram pagos.

Veio a guerra com a França; a Inglaterra auxiliou poderosamente Portugal; mas Portugal entrou em guerra por causa da Inglaterra, e por causa della, teve de sustentar um exercito superior a seus recursos, que fez chegar até a França. Em vez de fazer a Inglaterra sacrificios a Portugal, reconhecendo que a guerra havia começado por que Portugal não quiz reconhecer o bloqueio continental, nem entregar sua esquadra a Napoleão, que se offerecia a comprar a bem cara, pelo contrario Portugal fez sacrificios a Inglaterra.

Um dos sacrificios, que a Inglaterra exigiu de Portugal, foi a cessação do trafico de escravatura. Tinha ella estabelecido as bases de sua grandeza; em-lhe preciso tirar dos mercados os concurrentes. Suas vastas possessões d'Asia e da America podiam produzir as materias primas, que bastassem para alimento de suas fabricas; e suas fabricas podiam dar productos, que abastecessem o universo. D'alti a extincção do trafico, e toda a serie de violencias, que tem por fim destruir os recursos das nações pequenas. As grandes nações deixaram-se illudir com ideias de philantropia.

Portugal necessariamente tinha de reconhecer a independencia do Brasil: a Inglaterra apressou-se em fazel-a negociar. Portugal mandando ao Brasil um plenipotenciario seu, ou abrindo negociações em Lisboa podia obter vantagens para seu commercio; mas a Inglaterra apressou-se em ser mediadora: um plenipotenciario inglez veio negociar o tratado de independencia; e a Inglaterra obteve as vantagens, que podia obter.

E que vantagens quiz a Inglaterra? Exigiu o tratado de commercio, com que ainda nos vemos a braços, e a extincção do trafico. Bem viam o gabinete de S. James, por que ninguém podia deixar de o ver, que a extincção rapida e violenta do trafico, como foi contratada, trazia a ruina do Brasil: se pois tivesse em vista mutua vantagem para os dous paizes contratantes, como devem ter todos aquelles, que tratam de boa fé, não teria exigido, as condições, que exigiu. E, se o tratado não fosse assignado, nem por isso ficaríamos de melhor condição. Portugal o experimentou: não quiz tratar: appareceu o bill Palmerston, e os navios portuguezes foram victimas de toda a sorte de violencias. O tratado pois do trafico parece, que nem aggravou, nem peiorou nossas circumstancias, quanto á perseguição, que deveria soffrer nosso commercio. E a prova é, que existe o tratado, mas que os Inglezes não fazem caso d'elle, e aqui cabem as ultimas violencias, que nos elles tem feito.

E' um principio admittido por todas as nações, que as ilhas adjacentes ás costas pertencem ao paiz, em cuja visinhança se acham: mas ali estão os Inglezes, que

sem permissão alguma da nação Brasileira desembarcam força armada na ilha de Santa Anna.

O tratado sobre a extincção do trafico, diz que, os Brasileiros que forem encontradas importando escravatura da Costa d'Africa, serão sujeitos ao julgamento de uma commissão mixta, que para esse fim aqui foi creada no Rio de Janeiro. Mas ahí entra aprisionado por Inglezes um navio Brasileiro carregado de Africanos, os Inglezes agarram em Africanos e navio e fazem conduzir tudo para as suas colonias. Não faremos comentarios sobre este procedimento: é uma violação tão flagrante do tratado, que enche de indignação, embarga o raciocínio, e faz que tudo quanto se possa dizer fique muito abaixo daquillo, que na realidade é. Os Inglezes abusam do seu poder. Para Portugal não careceram de tratados; para o Brasil a despeito dos tratados, e contra elles tomam nossos navios, subtrahem-os ao julgamento, não já de seus juizes naturaes, mas daquelles, que nos deu o tratado, levam nossa propriedade.

Dizia um pirata a Alexandre de Macedonia, que lhe afciava seu modo de vida — sou ladrão e pirata, por que apenas tenho duzentos ou trezentos homens —; vós sois um heróe, por que vos achais á frente de um poderoso exercito.

Os Inglezes zombam com nosso, por o tempo e capitães, que deviamos gastar em progressos reaes e positivos, temos sido forçados a gastar-os em soffocar rebelliões. Fazem bem os Inglezes: mas andem de pressa, que tudo lhes presagia não muito tempo, para iguaes attentados.

RIO GRANDE DO SUL.

O *Jornal do Commercio* publicou duas ordens do dia, em que vem relatadas muitas vantagens obtidas pelas armas imperiaes contra o desgraçado punhado de rebeldes, que ainda vaga pela campanha do Rio Grande: essas duas ordens do dia, são a confirmação official de quanto por esta folha havemos publicado. Nossas columnas marcham triumphantes por toda a parte: um unico revez, insignificante em si, mas consideravel pela perda do bravo official, que acabou seus dias, vem affligir-nos no meio dos prazeres da victoria: revez, como diziamos, insignificante em si, pois que nem perdemos força physica nem moral, revez devido a uma surpresa, em cujo modo de fazer a guerra os rebeldes são muito superiores, e que nem sempre é possível evitar: Argos, com os seus cem olhos adormeceria de alguma vez, e dessa vez se aproveitariam os inimigos. Nossos soldados tem mostrado uma constancia inaudita no meio de soffrimentos, e que não estavam acostumados; recrutas pela maior parte quando para ali foram remetidos, acharam-se repentinamente no theatro de uma guerra, onde se soffre toda a casta de privações, faltando-lhes muitas vezes até o sal com que temperar a comida: mas no meio de tudo isso, têm feito vêr, que sabem marchar onde os levam seus commandantes; e que por consequencia, que se a guerra ha mais tempo não está acabada, não tem sido a culpa delles, e sim daquelles, que os não tem sabido levar, onde se colhem os louros da victoria; os soldados do norte do imperio fizeram a campanha no rigor do inverno do Rio Grande, fazendo assim desvanecer essa prevençõ, que contra elles existia, de que nunca poderiam supportar o frio daquelle clima.

Eia pois: continuem a levá-los, que elles marcharão

contentes, e brevemente veremos annuciado, que a paz se acha de todo restabelecida naquella importante parte do Imperio.

Na primeira dessas ordens do dia ha um facto bastante importante: sabendo o general barão, que uma partida de correntinos e santa-felinos entravam em nosso territorio, immediatamente mandou alguma força ao seu encontro, ordenando que, depozessem as armas, ao que obedeceram sem hesitação. Se as autoridades da Cisplatina assim tivessem procedido com as forças rebeldes, que por vezes tem procurado asylo em seu territorio, ha muito já, que a guerra estaria acabada. Porém, não só não são desarmadas, que antes recebem toda a casta de soccorros: é ali que vão descansar e refazer-se. E de passagem diremos, que o fizeram sempre, quer em tempo de Fructo, quer em tempo de Oribe. Ainda este esteve muito tempo na presidencia de Montevidéo, quantos rebeldes pela primeira vez lá foram acoutar-se: e por ventura foram desarmados? Onde? E ainda ha quem nos diga, que Oribe não protege os rebeldes!

O que temos tido, e o que temos a esperar das autoridades da banda oriental, isso sabemos nós muito bem.

Pedimos aos órgãos da facção, que desmintam essas ordens do dia do presidente do Rio Grande. E se não se atreve a desmentil-as, que nos diga se é pelos feitos nellas descriptos, que deve o ministerio ser demittido. Todos os dias a facção nos clama, pedindo a demissão do gabinete; por ventura uma administração, que encontra uma provincia assolada por oito annos de guerra civil, que envida todos os seus esforços por lhe dar a paz, que vê quasi coroados os seus desejos, deve demittir-se? E' necessario, que francamente se diga, que se quer a prolongação dessa guerra. A administração tem-a quasi acabado: mudal-a, seria deixar o certo pelo duvidoso.

Bem supomos nós, que tal será o fim de quem quer vêr novos ministros. Ha muita gente, que sente acabar-se a guerra do Rio Grande: esses quereriam tentar a fortuna; quereriam, que se repetissem as acenas de 1840, que estando os rebeldes de modo tal, que impossivel lhes era escapar á força, escaparam muito a seu salvo pelo caminho, que lhes abriram autoridades mandadas para esse fim. Deos arrede de nós semelhante desgraça.

REPARTIÇÃO DA MARINHA.

Assim mesmo tem o *Pharol* ás vezes seus lucidos intervallos: ahí elle elogia o Sr. Torres pelas providencias, que ultimamente publicou para cohibir o desperdicio dos dinheiros publicos pela repartição a seu cargo. Diz porém o *Pharol*, que são inefficazes essas providencias, e que o preciso é mudar o pessoal. Talvez conviesse alguma mudança: mas se se ellas fizessem, como não acudiria o *Pharol* em favor dos demittidos?

DESCONTENTAMENTO GERAL.

O *Nacional* dá conta de uma carta real ou phantastica em que nosso estado é descripto com negras côres: se quizermos escrever não uma carta, mas grossos volumes no estylo da tal carta, mostraremos que no céu se soffre toda a sorte de calamidades, ao mesmo tempo, que o inferno é o lugar mais apravel.